

O BALANÇO DA VARANDA

Brenda A. Christensen

Estava grávida de seis meses de nosso primeiro filho, quando compramos nossa casa - a casinha só nossa.

Era pequena, mas quase tão perfeita quanto a das histórias dos livros. O charme do estilo do início do século 20 não me cativou na primeira vez em que a vimos, pois o calor do verão agravava meu enjojo matinal, e diário, e facilitava a ofensiva dos pernilongos.

Meu marido gostou dela logo que a viu. Nós, no entanto, a vimos novamente quando a imobiliária realizou uma exibição em que todos eram bem-vindos a visitá-la a qualquer hora do dia.

Depois de arrastar a família dele e a minha para ver a casa, mudei de opinião. Parece que, de repente, vi as centenas de flores que rodeavam toda a área da casa, inclusive a jardineira que, na verdade, era o muro da frente de nossa varanda na entrada da casa.

O bordo frondoso que havia ali deve ter testemunhado todas as tempestades que assolaram nossa pequena cidade, mas ainda continuava firme, superando todas as vicissitudes de sua longa vida. As janelas enormes, embora manchadas pelos muitos anos de exposição à fumaça do tabaco e pelas várias camadas de tintas, seduziram-me ainda mais, assim como os dois assentos embutidos sob as janelas - com os quais sonhei minha infância inteira - onde poderia ficar e sonhar e almejar muitas coisas, ou escrever em meu diário. Seriam perfeitos para minha filhinha.

No entanto, o que realmente me convenceu de que essa era nossa nova casa foi o balanço da varanda. Isso era o mais importante em nossa busca por nossa casa: sem varanda para um balanço, sem acordo!

Tinha tantas lembranças agradáveis do balanço da casa de meus avós, onde me sentava horas a fio. Esse lugar necessitava apenas de uma cerca branca.

Nossa filha nasceu, e nossa casa também parecia estar criando vida - precisava apenas de alguns reparos. Passávamos muito tempo do lado de fora, quando o tempo começou a esquentar.

Dar a volta no quarteirão, brincar de pegador na grama e, obviamente, balançar na varanda - essas eram as atividades que preenchiam nossos dias. Perdi a conta das inúmeras vezes em que ninei minha filha naquele balanço, e também nossa segunda filha.

Aprendemos o abc, outras cantigas e rimas charmosas, inclusive algumas que inventamos. O balanço, devido aos pirulitos que derretiam em nossas mãos nas noites quentes de verão, quase sempre estava melado. Brincávamos e balançávamos, desenfreada e alegremente.

Olhávamos os carros passar ou a lua flutuando através dos galhos do velho bordo, enquanto nos embalávamos suavemente.

Eu me sentava naquele balanço para ver minhas filhas rir de alegria e júbilo, quando brincavam no jardim, pulavam nos montes de folhas ou corriam debaixo das gotículas dispersas com as quais o irrigador pulverizava a terra. Eu estava no paraíso.

Desde o dia em que compramos nossa pequena "casa de boneca", como o corretor de imóveis a chamava, planejávamos vendê-la. Meu marido e eu trabalhamos muito para fazer as reformas necessárias e pôr em dia a decoração. No entanto, cinco anos depois, já com duas filhas, tornamo-nos grandes demais para nossa casa. Havia chegado o momento de mudar para o interior, onde sempre sonhei em criar meus rebentos. Tudo o que pude fazer foi chorar o dia inteiro. Voltamos à casa uma vez mais para dar a última olhada, fazer uma refeição frugal e sentar pela última vez naquele balanço.

Acho que os últimos cinco anos de minha vida naquela casa passaram diante de meus olhos, como se fosse a experiência que algumas pessoas dizem que tiveram quando ficaram perto da morte. Chorei tanto, que mal pude ver a saída. Todos nós acenamos um adeus para a casa e fomos embora com o rosto banhado em lágrimas.

Isso aconteceu mais de dois meses atrás, e nunca mais passei ali perto, nem uma vez sequer, até recentemente. Eu realmente queria fazer uma visita a nossa vizinha, uma senhora idosa, de quem fiquei amiga.

Quando parei o carro em frente de nossa antiga casa, havia uma jovem mulher, mais menos da mesma idade que eu tinha quando tive minhas filhas, sentada no balanço da varanda, brincando com uma criança que ainda estava aprendendo a andar, atrás das flores que eu plantara no início dessa primavera. Cumprimentei-a: "Olá!", bem alto e bati à porta da vizinha.

Não conseguia tirar meus olhos dessa mãe e de seu filho, nem reter as lágrimas que começaram a rolar pelo meu rosto. Minha amiga não estava em casa, e fiquei tentada a apresentar-me à mulher, mas decidi que essa não seria uma boa ideia, pois sabia que não conseguiria manter meus olhos secos por muito tempo, talvez não fosse nem capaz de chegar a dizer meu nome antes de começar a chorar.

Portanto, entrei no carro e parti, mas ainda vi, pelo retrovisor, mãe e filho brincando na varanda da frente.

Chorei de tristeza por minha perda, mas de alegria pelo ganho dessa família. Chorei de felicidade pelo destino do balanço da varanda, que produzia lembranças felizes, como tenho certeza que aconteceu antes de mim e, conforme o que acabara de ver, ainda continuaria a fazer o mesmo sem mim.